

Projetos sociais esportivos e a resiliência: um estudo de revisão

Social sport projects and resilience: a review study

Proyectos sociodeportivos y resiliencia: un estudio de revisión

Recebido: 24/06/2022 | Revisado: 01/07/2022 | Aceito: 04/07/2022 | Publicado: 14/07/2022

Luciana Bernardes Vieira de Rezende Hersen Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3254-681X>
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil
E-mail: luidig@gmail.com

Carlos Alberto Figueiredo da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7429-932X>
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil
E-mail: ca.figueiredo@yahoo.com.br

Renata Osborne

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4679-0530>
Universidade Salgado de Oliveira, Brasil
E-mail: rerafado@gmail.com

Carla Isabel Paula da Rocha Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4644-6310>
Universidade Federal do Pará, Brasil
E-mail: carla_mpompilho@hotmail.com

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi investigar na literatura as contribuições dos projetos sociais esportivos (PSE) e sua ligação com o desenvolvimento da imagem corporal dos discentes e a promoção da resiliência através do esporte. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, onde se buscou um caminho que apresentasse estudos de vertentes dos PSE, colhendo, especialmente, os textos que abordassem a resiliência. Os PSE, por serem um tema recente, ainda têm uma literatura escassa. A resiliência também é um tema novo e que precisa de mais estudos. Mais escassa ainda é a temática da resiliência em PSE, havendo uma grande lacuna a ser preenchida. Os estudos encontrados apresentam, em grande parte, que os PSE proporcionam benefícios graças à prática regular esportiva e colaboração na formação moral dos seus alunos; porém, há também um “lado sombra do esporte”, mostrando que muitos dos PSE são paliativos, pois possuem objetivos rasos e sem finalidades claras. Para uma melhor análise da contribuição dos PSE e o desenvolvimento da resiliência, faz-se necessário mais estudos que relacionem estas temáticas, pois o material encontrado, ainda é pouco. Mesmo assim, este artigo apresenta os conceitos mais usados relacionados a estes temas, tentando contribuir para uma maior discussão. Como muitos jovens atendidos pelos PSE são sujeitos em vulnerabilidade social, que cotidianamente sofrem diversos traumas ligados as suas condições sociais e culturais, para que consigam sair da imobilização causada por esses traumas, e que aconteça a superação dessas adversidades, havendo uma ressignificação de sua imagem corporal: há necessidade de um potencial de reação, processo conhecido como resiliência. Assim, os PSE podem ser uma importante ferramenta na promoção da resiliência de seus alunos, por serem um alicerce para a superação de adversidades.

Palavras-chave: Projeto social esportivo; Resiliência; Esporte educacional.

Abstract

This research aims to investigate in the literature the contributions of sports social projects (PSE) and their connection with the development of the student's body image and the promotion of resilience through sport. This article is a narrative review of the literature, where a path was sought to present studies of PSE strands, collecting, especially, the texts that addressed resilience. For being a current theme, the PSE still has scarce literature. Resilience is also a new topic that needs further study. The issue of resilience in PSE is even lower, with a large gap to be filled. The findings show to a large extent that PSEs provide benefits thanks to the regular practice of sports and collaboration in the moral formation of their students. However, there is also a “shadow side of the sport”, showing that many of the PSEs are palliative, as they have shallow goals and no clear goals. For a better analysis of the contribution of PSE and the development of resilience, more studies are needed that relate to these themes because the material found is still tiny. Even so, this article presents the most used concepts related to these themes, trying to contribute to a more significant discussion. Many youths assisted by the PSE are socially vulnerable subjects who daily suffer traumas linked to their social and cultural conditions. However, they can get out of the immobilization caused by these traumas and overcome these adversities by re-signifying their image body. Hence, there is a need for a reaction potential, a process

known as resilience. Thus, PSEs can be an essential tool in promoting their students' resilience, as they are a foundation for overcoming adversities.

Keywords: Social sports project; Resilience; Sport educacional.

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo investigar en la literatura las contribuciones de los proyectos sociales deportivos (PSE) y su conexión con el desarrollo de la imagen corporal del estudiante y la promoción de la resiliencia a través del deporte. Este artículo es una revisión narrativa de la literatura, donde se buscó un camino para presentar estudios sobre las hebras del PSE, recogiendo, especialmente, los textos que abordaron la resiliencia. Por ser un tema actual, el PSE aún cuenta con escasa literatura. La resiliencia también es un tema nuevo que necesita más estudio. El tema de la resiliencia en PSE es aún menor, con un gran vacío por llenar. Los hallazgos muestran en gran medida que las PSE aportan beneficios gracias a la práctica regular del deporte y la colaboración en la formación moral de sus alumnos. Sin embargo, también hay un “lado sombrío del deporte”, que muestra que muchos de los PSE son paliativos, ya que tienen metas poco profundas y sin metas claras. Para un mejor análisis de la contribución de la PSE y el desarrollo de la resiliencia, se necesitan más estudios que se relacionen con estos temas porque el material encontrado aún es pequeño. Aun así, este artículo presenta los conceptos más utilizados relacionados con estos temas, tratando de contribuir a una discusión más significativa. Muchos jóvenes atendidos por el PSE son sujetos socialmente vulnerables que sufren diariamente traumas ligados a sus condiciones sociales y culturales. Sin embargo, pueden salir de la inmovilización provocada por estos traumas y superar estas adversidades resignificando su imagen corporal. Por lo tanto, existe la necesidad de un potencial de reacción, un proceso conocido como resiliencia. Así, los PSE pueden ser una herramienta fundamental para promover la resiliencia de sus estudiantes, ya que son la base para la superación de las adversidades.

Palabras clave: Proyecto sociodeportivo; Resiliencia; Deporte educativo.

1. Introdução

Com o crescimento das desigualdades sociais, aumento da miséria, desemprego, crescente criminalidade urbana, falta de políticas públicas, especialmente na área da saúde e educação, proliferaram, nas últimas décadas no Brasil, Projetos Sociais Esportivos (PSE), visando minimizar as consequências das desigualdades sociais (Vianna & Lovisolo, 2011). Os PSE surgem como estratégia para conter ou disfarçar as mazelas da sociedade, por utilizarem o esporte como canal de socialização ou inclusão social, financiados por organizações não governamentais ou empresas (Silveira, 2013). Embora os PSE sejam apresentados muitas vezes como algo relevante por proporcionar benefícios graças à prática regular esportiva na formação moral dos seus discentes, há também um “lado sombra do esporte”, mostrando que muitos PSE são apenas paliativos. Estes possuem objetivos rasos e sem finalidades claras, ou ainda se intitulam capazes de resolver problemas além de suas possibilidades. Essa utilização distorcida ou equivocada do esporte superestima, desprestigia ou até mesmo desperdiça os investimentos nos PSE (Correia, 2008; Cortês Neto, 2015; Osborne & Belmont, 2018).

O presente estudo traz uma revisão de literatura, pautada em ambas as vertentes relacionadas aos benefícios ou não dos projetos sociais esportivos, servindo para apreciação e consulta de demais interessados em oferecer e avaliar projetos sociais esportivos, já que o tema possui poucos estudos publicados, especialmente em se tratando de projetos sociais esportivos e o desenvolvimento da resiliência. Com a pretensão de complementar ou substituir processos educativos formais, em especial para crianças e jovens em vulnerabilidade social, a década de 1990 foi abundante em PSE (Hecktheuer & Silva, 2011). No entanto, há poucas pesquisas relacionadas a projetos sociais esportivos, especialmente os que objetivam desenvolver a resiliência.

O objetivo desta pesquisa é investigar, na literatura, as contribuições dos projetos sociais esportivos e sua ligação com o desenvolvimento da imagem corporal do aluno e, conseqüentemente, a promoção da resiliência através do esporte.

2. Metodologia

O presente artigo é uma revisão narrativa da literatura, conforme Hohendorff (2014): “são textos nos quais os autores definem e esclarecem um determinado problema, resumizam estudos prévios e informam aos leitores o estado em que se

encontra determinada área de investigação” (p. 40). Diferentemente das revisões sistemáticas e integrativas, a revisão narrativa não esgota as fontes e segue um padrão mais indutivo, que se alia à subjetividade do pesquisador. No presente trabalho, buscou-se um caminho que apresentasse estudos de vertentes dos PSE, colhendo, em especial, os textos que abordassem a resiliência. Por se tratar de um objeto de pesquisa ainda muito recente, pois os PSE surgiram por volta dos anos 1990 (Hecktheuer & Silva, 2011), o desenvolvimento da literatura ainda é escasso. A resiliência também é um tema recente (da década de 1970 e 1980) e que ainda precisa ser mais pesquisado (Godoy *et al.*, 2010; Brandão *et al.*, 2011). Mais escassa ainda é a temática da resiliência em PSE, havendo uma grande lacuna a ser preenchida (Castro & Souza, 2011).

Como fundamentação teórica, inicialmente, foram selecionados de julho a novembro de 2020, artigos em duas bases de dados: Plataforma Sucupira (Capes) e Google Scholar, utilizando as três palavras-chaves do estudo: Projeto Social Esportivo, resiliência e esporte educacional. Na Plataforma Sucupira (Capes), não foi encontrado nenhum trabalho relacionado ao objeto de estudo. No Google Scholar, sem limitação de tempo, ao pesquisar as palavras-chaves, nas seguintes formas, com respectivos resultados: "Projeto Social Esportivo" e "esporte educacional" – 58 trabalhos, “Projeto Social Esportivo” e resiliência – 30 trabalhos, “Resiliência e esporte educacional” – nenhum trabalho. Foram encontrados 88 trabalhos, onde as referências duplicadas, fora do padrão científico e sem relação com a temática foram excluídos. Restando 53 artigos, que foram consultados e utilizados para fundamentação, além de servirem de fonte de pesquisa para encontrar outras referências. Em seguida, os textos selecionados foram fichados e apresentados para a fundamentação do presente estudo.

3. Resultados e Discussão

3.1 Projeto Social Esportivo – Vilão ou Mocinho?

Embora o esporte seja um direito constitucional, pois de acordo com os artigos 6º e 217º da Constituição do Brasil (Brasil, 1988), a promoção da atividade física e esportiva vivenciada nos momentos de lazer, é um direito social, assegurado pelo Poder Público a todos os cidadãos, os PSE são financiados principalmente pela iniciativa privada na área de responsabilidade social, ou por pessoas físicas (Correia, 2008; da Silva *et al.*, 2008; Silva *et al.*, 2010; Silveira, 2013; Murad, 2020). Ao dividir com o Estado a responsabilidade de oferta do esporte público e gratuito, os PSE precisam atentar para não oferecer o esporte de uma forma assistencialista, compensatória, clientelista e instrumentalista, ou mesmo numa perspectiva salvacionista, onde o mesmo substitui as demais políticas sociais (Correia, 2008; Silveira, 2013).

Exatamente por não terem claros seus objetivos, o ‘que’ e ‘como’ pretendem desenvolver os projetos, que os PSE têm sido alvo de críticas, pois creditam, ao esporte, objetivos grandiosos que fogem à sua alçada, e que em grande parte não conseguem resolver simples e pequenas mudanças na realidade local. Ou ainda, desacreditado no meio acadêmico, por considerarem que os PSE que se utilizam do esporte como ferramenta de inclusão estão na realidade alicerçados numa atividade excludente, permeada de más intenções, pois em sua ‘essência’, o esporte seleciona os melhores; acreditam que o esporte por si só, dificilmente dará conta da resolução de todos os problemas sociais, pois são necessárias ações de políticas públicas (Melo, 2004; Correia, 2008; Vianna & Lovisolo, 2011; Silveira, 2013; Motta *et al.*, 2018).

Muitas vezes os PSE ditos inclusivos são considerados como “tábuas da salvação” para crianças e jovens não se envolverem com a criminalidade que ronda sua comunidade, porém, possuem o lado excludente, indicando que muitos desses projetos são apenas paliativos, pois não se comprometem com uma formação integral, ou seja, não contribuem na formação de cidadão para atuar na sociedade em que estão inseridos. Ou ainda, servem apenas para encontrarem revelações esportivas, não oportunizando a todos essa formação diferenciada e caracterizando-se como um projeto excludente (Neira, 2009; Vianna & Lovisolo, 2011; Murad, 2020; Ribeiro & Couto, 2022).

As críticas proferidas aos programas de educação pelo esporte geram um ambiente de desconforto entre aqueles que cultuam a falsa consciência de que o simples acesso à prática, por si só, garantirá uma formação cidadã a milhares crianças e jovens representantes das comunidades socialmente alijadas de sólidas e concretas experiências educacionais. Sem pretender descaracterizar o componente formativo do esporte, em sentido contrário, as vozes dissonantes e contrárias ao discurso alentado lançam a todo momento, a seguinte questão: “Qual formação está em jogo?”. (Neira, 2009, p. 62).

Muitos PSE acabam se tornando aparato do Estado, por serem financiados por interesses políticos que utilizam o esporte como mero apêndice para política de controle estatal, sendo esta uma estratégia de dominação baseada na conformação das técnicas do corpo, na disciplina e na autoridade do professor. Além, de servir como um “analgésico social”, numa visão conservadora onde o esporte é uma ferramenta para um maior controle social ou doutrinação (Melo, 2004; Correia, 2008).

Vianna e Lovisolo (2011) também enxergam que, na maioria dos PSE, há uma visão excludente, especialmente por conta dos professores que dão destaque apenas aos talentos esportivos. Porém, acreditam no valor social do esporte, por ser um importante meio de socialização, pois consegue desenvolver valores como coletivismo, amizade e solidariedade, relevantes para ascensão social dos alunos provenientes das camadas populares, e assim contribuir para vencerem as “agruras” da pobreza. O esporte apresentado de forma sistematizada e orientada, num PSE, não aliena, mas colabora na conscientização de seus limites, permitindo almejar valores que possibilitam uma modificação social (Azevedo, 2009).

No entanto, vários estudiosos não descartam a importância dos PSE, em especial os que levam em consideração o valor educacional e social do esporte, e não uma visão reducionista, onde a prática da atividade física não soluciona os problemas sociais, mas permite coletivamente a construção de uma história baseada em sua experiência corporal. Ou seja, uma possibilidade realista dentro de suas limitações, através da cultura corporal de movimento, onde o esporte faz pensar e buscar outras possibilidades de vida. O Esporte traz em suas raízes seu caráter cultural e social. Por seu teor cultural e social, o Esporte tem grande importância na formação dos indivíduos, pois ele colabora no crescimento pessoal quando estimula o correr atrás de resultados por mérito e esforço pessoal, motiva na superação e avanço de metas, além de ajudar no desenvolvimento dos valores éticos e de cidadania para uma formação humanista e crítica. O Esporte tem como uma de suas principais características romper barreiras, construir pontes e transgredir espaços, pois à partida são todos iguais (Melo, 2004; Correia, 2008; Conceição & Palhares, 2014). Especialmente sendo utilizada a dimensão social do Esporte Educacional que, segundo Tubino (2011), tem como premissa a formação para a cidadania com a inclusão e a democratização da prática esportiva

Há ainda diversos PSE e programas esportivos que acreditam que o esporte contribui para combater a exclusão social, por ser um facilitador no processo de socialização e profissionalização, proporcionando uma formação cidadã, através de atendimento médico e odontológico, acompanhamento com psicólogos e pedagogos, cursos profissionalizantes, entre outros benefícios. Dentre esses podemos citar o Programa Segundo Tempo, o PROFESP (Programa Forças no Esporte), Programa Minas Olímpica Geração Esporte, financiados por parcerias entre organizações governamentais e não governamentais. Defendem que a prática esportiva proporciona uma melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes atendidos, através do ensino de valores como o jogo limpo, saber trabalhar em equipe, respeitar as regras, ter coragem, dedicação, superação de limites, ser resiliente, além de reconhecer a importância do esporte no âmbito recreativo e no incentivo a uma vida mais saudável, colaborando na coordenação motora e nas funções fisiológicas, entre outras. Um PSE comprometido em fazer a diferença na vida de seus alunos, tem como um de seus princípios, promover a solidariedade, por meio do esporte, mas também de atividades reflexivas para conscientização de ações coletivas, com espírito de equipe, e que todos devem ser sempre solidários, podendo resultar numa redução da violência (Silva *et al.*, 2013; Steigleder *et al.*, 2018; Osborne & Belmont, 2018; Galvão, 2019; Guimarães *et al.*, 2019; Murad, 2020).

Os PSE têm se consolidado na promoção de atividades físico esportivas, mas também como uma forma de melhorar a autoestima, sendo um grande facilitador na promoção de uma imagem corporal positiva, que permite ao sujeito encontrar lugares afetivos, vivências corporais, que oportunizam a reconstrução de sua identidade e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento pessoal e profissional. Essas intervenções, muitas vezes, não vêm do poder público e sim de iniciativas individuais ou organizações, num movimento de baixo para cima, mobilizados em torno de um objetivo comum, acreditando que podem colaborar para uma sociedade mais justa e igualitária, especialmente usando a atividade física e o esporte como ferramenta (Tavares, 2003; Mattos & Silva, 2013; De Mattos et al., 2010; Silva & Silva, 2013; Neves et al., 2015; Cortês Neto, 2018; Martins & da Silva Ilha, 2020; dos Santos et al., 2022).

3.2 Imagem Corporal, Trauma, Resiliência

3.2.1 Imagem corporal

Para entendimento do conceito de Imagem Corporal e como a reconstruir, se faz necessário saber sua origem. As primeiras ideias para a definição do conceito de Imagem Corporal que se tem hoje vieram da neurologia em 1905 pelo francês Pierre Bonnier, o primeiro a introduzir o termo ‘esquema corporal’ e formular sua definição. Assim, dando início aos estudos de Esquema Corporal, reconhecendo que determinadas partes neurológicas estavam diretamente ligadas ao esquema do corpo, e que a alteração das mesmas traz dificuldades para própria percepção corporal.

A partir de 1930 os estudos sobre ‘Imagem Corporal’ começam a se distanciar da visão unidirecional dos neurologistas e a se aproximarem de uma visão mais múltipla. Paul Schilder acreditava que a Imagem Corporal era a forma que o corpo se apresenta na mente, e que pode sofrer alterações devido a danos neurológicos, mas também pelo impacto das emoções causadas nas relações do homem. Ele era inovador para sua época, defendia que a Imagem Corporal deveria agregar aspectos fisiológicos e as experiências intrapsíquicas mediadas pela dimensão social, pois o corpo é uma unidade, além de ter sido o primeiro pesquisador a implementar a figura do corpo humano para ajudar nas pesquisas. A partir dele foi possível perceber que a visão da Imagem Corporal pelo próprio sujeito, não deveria ser analisada apenas para corrigir lesões cerebrais, mas a importância que a cultura, as atitudes e os sentimentos têm em cada comportamento humano, auxiliando em sua reconstrução, após um trauma psicológico (Campana & Tavares, 2009).

3.2.2 Trauma

A sociedade atual está marcada pela violência e a injustiça social, onde os que mais sofrem são aqueles à margem da sociedade. Entre os mais suscetíveis estão crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Segundo Correia (2008, p. 116), “O conceito de vulnerabilidade social está associado aos direitos civis e sociais e às condições de cidadania que, por uma complexidade de fatores, deixam excluídos da condição de cidadãos diversos sujeitos e comunidades”. Entendendo que a vulnerabilidade social está relacionada com a falta de integração social e da distribuição de recursos que acabam por excluir essas pessoas da sociedade a falta de políticas públicas como: saúde, educação, saneamento, habitação, emprego, entre outros, acentua ainda mais a violência, causando diversos traumas nesses sujeitos (Correia, 2008; Osborne & Belmont, 2018).

Na contramão, esses sujeitos tentam sobreviver, apesar da vida difícil, com experiências traumáticas vivenciadas diariamente, frutos da sua vulnerabilidade social e econômica. Segundo Neves, Hirata e Tavares (2015), o “trauma paralisa o desenvolvimento do sujeito e, conseqüentemente, altera o dinamismo da imagem corporal: o sujeito não se desfaz, mas também, desconectado de si mesmo, não se reconstrói dinamicamente” (p. 99). Assim, numa realidade de violência urbana, onde a falta de políticas públicas atuantes, acabam limitando a mobilidade corporal dos sujeitos, o que influencia para que as primícias de zelo consigo e com o outro fiquem em segundo plano, pois nessas condições precárias o sujeito desenvolve uma

distorção de sua imagem corporal, sendo ainda mais difícil superar os traumas e aprofundando as desigualdades sociais (Santos & Silva, 2020). Em se tratando de sujeitos em vulnerabilidade social, que cotidianamente sofrem diversos traumas ligados às suas condições sociais e culturais, desconstruir e reconstruir sua imagem corporal, é a grande questão para que ele intervenha em sua realidade social, possibilitando ao sujeito um melhor desenvolvimento de sua imagem corporal, colaborando na ressignificação dos elementos de sua vida e os incorporando à sua identidade (Tavares, 2003; Neves, Hirata & Tavares, 2015).

Cyrułnik (2004) afirma que todo trauma pode deixar um traço cerebral e afetivo encoberto na continuidade do desenvolvimento, que sempre estará presente, mesmo que oculto, não sendo reversível, porém podendo ser reparado, às vezes até para melhor. Então, para que o sujeito consiga sair da imobilização causada por diversos traumas, e para que aconteça a superação dessas adversidades, havendo uma ressignificação de sua imagem corporal e continuidade de vida, se faz necessário um potencial de reação, processo conhecido como resiliência (Tavares, 2003; Neves et al., 2015).

3.2.3 Resiliência

O termo resiliência ainda está em processo de construção, evoluindo, principalmente nas últimas décadas na área das ciências humanas, embora estudada por diferentes áreas de conhecimento, as diversas formas de pesquisas vêm contribuindo para a definição de seu conceito, tornando-o mais consistente (Oliveira *et al.*, 2008; Godoy *et al.*, 2010; Rozemberg, 2013).

Embora os estudos de resiliência tenham aumentado por volta da década de 1970 e 1980, Alexander (2013 apud Teixeira, 2016) relata que há indícios de que os primeiros registros do termo remontam a Cícero (106-43 a.C., na obra *Orationes*). Outro autor citado como precursor do uso do termo é o cientista inglês Thomas Young, que em 1807 empregou o termo na engenharia mecânica, explicando que a resiliência seria capacidade de um material voltar ao seu estado normal, mesmo depois de ter sofrido pressão sobre si (Brandão et al., 2011; Teixeira, 2016; Silva, 2019). Metaforicamente, Sabbag (2012) exemplifica que no Japão, um bambu conhecido como *take*, é cultuado, justamente por sua forma sólida e flexível, capaz de crescer com força, aliando solidez com leveza, facilitando sua capacidade de se recompor. Reflete ainda que valoriza a “gente-bambu”, por terem a capacidade de se envergarem, mas se recuperarem rapidamente, e até saírem mais fortes, depois de sofrerem adversidades na vida, indicando ser indivíduos resilientes.

A origem da palavra resiliência advém do latim *resilire*, *resilio*, onde o derivado *re* indica um retrocesso, e *salio* significa saltar, entendendo assim como voltar saltando, saltar para trás, recuperar-se, voltar ao normal, enfatizando seu significado, que a define como a capacidade elástica de um corpo, ou sua tendência de reconstrução, ou ainda de retomada a forma original (Brandão et al., 2011; Sabbag, 2012; Teixeira, 2016; Silva, 2019). Barbosa (2019) abrange um pouco mais ao explicar a etimologia da palavra *resilie*, onde *silie* que significa saltar ou impulsionar para algo, sendo entendido como tomada de um propósito ou meta, e *re* teria o significado de novamente, mais uma vez, ampliando o significado de resiliência, não se limitando ao conceito da física de suportar pressão, mas de algo mais ativo e construtivo.

Atualmente, o termo resiliência, já é mais utilizado pelas ciências humanas, do que pelas ciências exatas, onde o foco saiu de algo imutável de resistência e retomada, para um processo dinâmico de adaptação e transformação entre as adversidades da vida, incluindo as qualidades de flexibilização e elasticidade próprias do ser humano (Assis et al., 2006; Brandão et al., 2011; Silva, 2019). O conceito de resiliência vem sendo estudado com mais profundidade, desde a década de 1970, por psicólogos e psiquiatras, que passou a definir a resiliência como a “a habilidade de se acomodar e de se reequilibrar constantemente, frente às adversidades” (Assis et al., 2006, p.18).

Infante (2005) considera que a definição de resiliência que melhor representa a segunda geração de pesquisadores da área, é a de Luthar e outros (2000 apud Infante, 2005) onde acreditam ser um processo ativo que resulta de uma adaptação positiva após uma grande adversidade. A autora identifica três componentes básicos que devem estar contidos na definição de resiliência: 1) a percepção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento; 2) a adaptação positiva ou superação

da adversidade e 3) o processo ativo entre os componentes emocionais, cognitivos e socioculturais que influenciam no desenvolvimento do ser humano (Infante, 2005; Oliveira *et al.*, 2008). Melillo (2005) explica que o conceito de resiliência é “definido como a capacidade, de pessoas ou grupos, de enfrentar as adversidades da vida com êxito, e até sair fortalecido delas.” (p. 88). Já Grotberg (2005) entende a resiliência como: “A capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências da adversidade.” (p. 15).

Enquanto Barbosa (2019) aponta que por conta da ampliação das pesquisas, houve uma evolução do termo resiliência, permitindo dividi-la em três fases: “os que suportam”, “os que se recuperam” e “os que transformam”. Na 1ª fase, “os que suportam”, foi onde se reconheceu e se entendeu a resiliência na pessoa, como ela resistia e suportava os desafios da vida, investigando os fatores de superação. Na 2ª fase, “os que se recuperam”, o foco foi olhar para o desenvolvimento de recursos para a recuperação das pessoas após uma adversidade, cita o Dr. Martin Seligman, que concentrou seus estudos na promoção das virtudes para contribuir na recuperação após uma adversidade. Na fase 3, “ao que transformam”, relata a ampliação da ideia de resiliência, não a limitando ao suportar e se recuperar das adversidades, mas desenvolver a capacidade de transformar a realidade, promovendo comportamentos resilientes (Barbosa, 2019).

Infante (2005) ao falar do desenvolvimento histórico do conceito de resiliência, também faz uma divisão nos grupos de pesquisadores, usando o termo geração e delimitando em duas. A 1ª geração de pesquisadores procurava identificar que fatores influenciavam no desenvolvimento das crianças que se adaptavam de forma positiva, apesar de condições adversas. Começam a ampliar o foco dos estudos, saindo da condição individual de superação, para estudar também como os fatores externos podem influenciar na resiliência. Organizaram os fatores resilientes em três grupos: atributos individuais, aspectos familiares, e as características dos ambientes sociais. A 2ª geração buscou identificar os processos de adaptação e desenvolvimento da resiliência, possibilitando a criação de estratégias para promover a resiliência e a qualidade de vida (Infante, 2005; Silva, 2019).

O estudo mais significativo apontado por diversos autores como marco no estudo da resiliência, se trata de uma pesquisa longitudinal, iniciada em 1955, com crianças no Havaí. O estudo conhecido como *Kauai Longitudinal Study*, de Werner e Smith, durante 32 anos, monitorou 698 crianças nascidas no ano de 1955, com o objetivo de saber o impacto dos fatores de risco biológicos e sociais, e seus fatores de proteção. Contava com uma equipe interdisciplinar da área de saúde, que buscavam identificar que fatores diferenciavam as crianças que conseguiram positivamente conduzir suas vidas, embora expostas a diversas adversidades, como pobreza, estresse, falta de estrutura familiar, das crianças que se envolverem em situações de risco ou que desenvolveram alguma patologia psicológica (Werner, 2005; Melillo, 2005; Infante, 2005; Rozemberg, 2013; Barbosa, 2019; Silva, 2019).

No Brasil, o termo resiliência, adotado pela psicologia, se originou da física e da engenharia, e teve como estudo pioneiro, em 1996, o trabalho que investigava a população de rua, através do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua, o CEP-RUA, criado pela professora Silvia Helena Koller, associando o conceito à percepção dos sujeitos sobre a significação dos traumas e como reagem a esses acontecimentos (Godoy, 2010; Brandão *et al.*, 2011; Silva, 2019). Apesar de diferentes conceitos, há um consenso nos estudos atuais, que a resiliência vai além da recuperação de um trauma, mas está relacionada à capacidade humana de superação, recuperação e adaptação de forma positiva diante às adversidades, sendo um crescimento pessoal. Outro ponto comum nos estudos, se refere ao fato de que a resiliência não é simplesmente um atributo pessoal e estático, mas uma capacidade variável e dinâmica, que pode ser promovida ao longo da vida, porém depende das circunstâncias internas e externas. Por envolver processos intrínsecos e extrínsecos, todas as pessoas têm potencial para desenvolver mais ou menos a resiliência, pois vai depender de como enfrenta as situações adversas, como se encontra seu estado emocional. Logo, a resiliência é construída conforme o processo interativo entre o sujeito e o meio, variando conforme as circunstâncias apresentadas, considerando o contexto onde o sujeito está inserido. Não sendo possível definir a pessoa,

como sujeito resiliente em todas as fases de sua vida, mas um sujeito que foi resiliente em determinado momento. Cada pessoa apresenta a resiliência de forma diferente, pois, o que afetaria uma mesma pessoa num momento de vida, pode não afetar em outro, e, uma mesma adversidade, pode causar resultados iguais ou distintos em diferentes pessoas, por enfrentarem as situações com mais ou menos sofrimento, dependendo de sua maturidade e experiência (Oliveira *et al.*, 2008; Godoy *et al.*, 2010; Rozemberg, 2013; Silva, 2019).

(...) a resiliência se produz em função de processos sociais e intrapsíquicos. Não se nasce resiliente, nem se adquire a resiliência “naturalmente” no desenvolvimento: depende de certas qualidades do processo interativo do sujeito com outros seres humanos, responsável pela construção do sistema psíquico humano. (Melillo, Estamatti & Cuestas, 2005, p. 61).

Ainda são muitas as críticas ao conceito de resiliência, por existirem autores que definem o sujeito resiliente como aquele que tem a capacidade de superação de suas condições de vulnerabilidade, limitando o conceito a uma característica ideológica de sucesso individual e de uma adaptação passiva às normas sociais, imposta por uma sociedade autoritária, restringindo a resiliência como competência, gerando um estigma e um rótulo (Rozemberg, 2013).

Brandão *et al.*, (2011) descrevem que por conta do contexto histórico do pós-guerra, embora tenha aumentado as desigualdades sociais e econômicas, a inquietação social foi abafada por sistemas de previdência e seguro social, além das novas tecnologias estarem acessíveis às massas, fazendo com que o sujeito deixasse de compartilhar sua vida em público, imperando o individualismo sob a coletividade, e é nesse contexto que proliferaram os estudos de resiliência, partindo de uma perspectiva individualista.

Contudo, diversos autores que estudam a resiliência, não consideram que a promoção da resiliência está ligada a uma conformidade e passividade, pelo contrário, alertam para o fato de que promover a resiliência não substitui a responsabilidade de atuação de políticas públicas de combate à miséria, violência e desigualdade social (Brandão *et al.*, 2011).

Mas o que o patinho feio levará muito tempo para compreender é que a cicatriz nunca é segura. É uma fenda no desenvolvimento de sua personalidade, um ponto fraco que pode sempre se dilacerar sob os golpes do destino. Essa rachadura obriga o patinho a trabalhar incessantemente sua metamorfose interminável. Então, poderá levar uma vida de cisne, bela, porém frágil, porque nunca poderá esquecer seu passado de patinho feio. Mas, ao se tornar cisne, poderá pensar nele de maneira suportável. Isso significa que a resiliência, o ato de se restabelecer e se tornar bonito apesar de tudo, nada tem a ver com a invulnerabilidade nem com o êxito social. (Cyrulnik, 2004, p. 4).

Ao considerar que, um sujeito resiliente, não é aquele capaz de suportar todas as adversidades, que tem um limite para tolerar a pressão do meio externo, se entende que a resiliência não é uma característica intrínseca, mas que as circunstâncias mudam, e os mecanismos da resiliência se modificam. A resiliência é uma característica provisória, imprevisível e dinâmica (Rozemberg, 2013; Silva, 2019).

Conforme afirma Cyrulnik (2004), para uma pessoa se tornar resiliente, precisa percorrer um longo caminho, e que a resiliência é baseada no caráter individual, no seu sentido cultural e na existência de um apoio social, ou seja, um tutor de resiliência. Destaca três aspectos na infância relacionado a resiliência como: 1. A conquista de recursos internos desenvolvidos nos primeiros meses de vida; 2. O tipo de trauma e qual significado ficou dessa ferida no contexto do menino e da menina. 3. As oportunidades de encontro para falar e agir. Aponta que havendo um clima familiar favorável, onde a criança se sente segura e confiante, para buscar ajuda externa quando necessário, acaba por gerar um fator de proteção afetiva, facilitando o desenvolvimento da resiliência. Enfatiza ainda, a importância de incluir outros fatores protetivos na infância, o humor e a fantasia, pois considera uns dos mais preciosos fatores de resiliência.

Assim, os profissionais que atuam em instituições e escolas, ao internalizarem o conceito de resiliência alinhado as propostas que vão ao encontro dos cuidados e proteção de crianças e adolescentes, e não a resiliência como característica ideológica, têm a possibilidade de estender o conceito à prática. Sendo possível, promover a resiliência em seus alunos, além de ser um alicerce para a superação de adversidades, pois suas atitudes estabelecem uma relação de confiança, na qual o aluno encontra no adulto, a pessoa que quer ajudá-la e que acredita na sua capacidade de aprender, ou seja, um tutor de resiliência (Melillo, 2005; Rozemberg, 2013).

Embora alguns autores “crucifiquem” os PSE, outros defendem que os PSE têm a sua importância e relevância no desenvolvimento de crianças e jovens das comunidades. “O esporte é um meio importante de socialização por conseguir atingir valores como coletivismo, amizade e solidariedade, que são relevantes para vencer as agruras da pobreza.” (Vianna & Lovisolo, 2011, p. 294). Os PSE, ao oportunizarem a prática de atividades esportivas a esses sujeitos, contribuem para a ressignificação dos traumas, colaborando na reconstrução da imagem corporal através da intervenção do professor de Educação Física. Por sua natureza profissional, consegue promover um ambiente de liberdade e confiança, mas, acima de tudo, de responsabilidade de forma a contribuir no desenvolvimento da resiliência. Neste sentido, o estudo de De Mattos et al. (2010) aduz que:

O esporte ocupa em nossa sociedade um lugar de destaque, logo se entende a importância da prática esportiva como instrumento de socialização, promoção da cidadania, sucesso profissional e pessoal. A utilização de estratégias de inclusão tem sido o foco de algumas instituições para combater as injustiças sociais e a falta de oportunidades geradas pelo sistema vigente (p. 236).

Ao analisar o PSE Fernanda Keller, Steigleder *et al.* (2020) afirmam que há um grande comprometimento por parte de toda a equipe de profissionais que lá atua. Existem cursos e treinamentos para aperfeiçoamento dos colaboradores, visando o alcance dos objetivos e missão da Instituição. Os relatos destacam o valor atribuído ao projeto na transformação social de jovens, comunidade e profissionais envolvidos direta ou indiretamente nas ações. Verifica-se, portanto, a importância atribuída a participação efetiva na transformação social dos jovens que participam deste e de outros PSE.

Para Silva O. e Silva C. (2014) a legitimidade e visibilidade conquistada pelo PSE Boxe Vidigal, investigado por eles:

[...] são indicadores nítidos de um trabalho que tem impacto na comunidade [...]. Os relatos apontam que a característica principal da rede PBV prende-se à racionalidade comunicativa, entendida como substantiva, onde há prevalência dos valores, do respeito pelo outro, sobre a racionalidade instrumental, onde o principal se dá na relação custo/benefício, no lucro, e na técnica (p. 58).

Desta forma, ao valorizar os valores e o respeito pelo outro, os PSE, ao garantir um ambiente seguro e propício para seus alunos, juntamente com as atividades esportivas orientadas, possui ferramentas para o desenvolvimento da resiliência, colaborando numa transformação social de seus alunos e familiares. “Por isso o sujeito resiliente precisa contar com seus recursos, mas também com um ambiente social favorável para conseguir manter íntegra sua identidade, reestabelecida no seu desenvolvimento.” (Neves *et al.*, 2015, p. 100). A seguir, na tabela 1, apresenta-se a síntese dos artigos consultados na revisão.

Tabela 1. Trabalhos consultados.

ANO	TÍTULO	OBJETIVO	PERIÓDICO	AUTOR(ES)
2003	Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento	Discutir o conceito e o desenvolvimento da imagem corporal.	Manole	Tavares, M. C. G. C. F.
2004	Lazer, Esporte e Cidadania: debatendo a nova moda do momento.	Discutir criticamente possíveis relações entre as novas configurações das políticas de esporte e a dita promoção da cidadania.	Movimento	Melo, M.P.
2004	Os Patinhos feios.	Discutir sobre traumas consequências no um traço cerebral e afetivo.	Martins Fontes	Cyrułnik, B.
2005	A resiliência como processo: Uma revisão de literatura recente.	Revisar a literatura sobre resiliência.	Artmed	Infante, F. (2005).
2005	Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas.	Discutir a resiliência.	Artmed	Melillo, A.
2005	Introdução: novas tendências em resiliência.	Discutir as novas tendências em resiliência.	Artmed	Grotberg, E. H.
2005	Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência.	Apresentar os conceitos psicológicos da resiliência.	Artmed	Melillo, A.; Estamatti, M.; Cuestas, A..
2008	Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida.	Apresentar à educação física alguns conceitos já utilizados na área da gestão social, na tentativa de contribuir para melhorar essa situação apresentada anteriormente e possibilitar uma melhor intervenção dos profissionais de educação física, interessados na gestão de projetos sociais.	Arquivos em Movimento	Correia, M.M.
2008	Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006.	Revisar a literatura sobre resiliência.	Psicologia: ciência e profissão,	Oliveira, M. A. D., Reis, V. L. D., Zanelato, L. S., & Neme, C. M. B.
2006	Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes.	Mostrar a capacidade dos jovens de lidar de maneira positiva com as adversidades da vida como perda de pessoas queridas e violência.	Artmed	Assis, S. G. D., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006).
2006	O modelo da hélice tríplice e o papel da educação física, do esporte e do lazer no desenvolvimento local.	Propor a formação para o empreendedorismo cívico, em que coatuam universidade, empresa e governo, tendo a atividade física, em suas múltiplas manifestações, como fator indutor do desenvolvimento social.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	Da Silva, C. A.F., Terra, B. R. C., & Votre, S. J.
2009	Esporte, ensino e Educação Física.	Discutir aspectos relacionados à integração, inclusão exclusão no esporte.	Editora UFMS	Azevedo, A.C.B.
2009	Avaliação da Imagem Corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa.	Apresentar instrumentos e diretrizes de pesquisa para avaliação de imagem corporal.	Phorte	Campana, Â. N. N. B.; Tavares, M. C. G. C. F.
2009	Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo?	Denunciar equívocos dos pressupostos que fundamentam iniciativas em projetos esportivos, questionando seu potencial formativo, a partir do confronto do discurso do senso comum que relaciona educação e esporte, com exemplos extraídos do cotidiano e conceitos da sociologia, pedagogia e filosofia.	Revista Veja	Neira, M.G.
2010	O esporte náutico e a dinâmica da hélice tríplice no projeto Grael: um estudo de caso.	Promover a reflexão sobre o papel do esporte no desenvolvimento de regiões.	Revista Movimento	De Mattos, D. C., da Silva, C. A. F., Lopes, J. P. S. R., & Capinussú, J. M.
2010	Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio.	Avaliar a resiliência de escolares.	Revista de Psicologia e Saúde	Godoy, K. A. B., Joly, M. C. R. A., Piovezan, N. M., Dias, A. S., & Silva, D. V. D.
2010	Educação física, desenvolvimento e inovação: o argumento da hélice tríplice.	Compreender o processo de inovação na área de educação física.	Motriz: Revista de Educação Física	Silva, C.A.F.D., Lopes, J.P.S.R. & Araújo Netto.
2011	A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens.	Descrever o conceito de resiliência em psicologia.	Paidéia	Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F.

2011	A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores.	Investigar a percepção de professores de educação física, que atuam em projetos de inserção social através do esporte em comunidades populares do município do Rio de Janeiro, sobre os seus alunos e a intervenção institucional.	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	Vianna, J. A., & Lovisolo, H. R.
2011	Dimensões Sociais do Esporte	Discute aspectos relacionados ao esporte educacional, de rendimento e de participação.	Cortez	Tubino, M.J.G.
2012	Resiliência: Competência para enfrentar situações extraordinárias na sua vida profissional	Refletir sobre resiliência e competência.	Elsevier.	Sabbag, P. Y.
2013	Resiliência na adolescência: uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas.	Discutir a resiliência na adolescência.	Fundação Osvaldo Cruz	Rozemberg, L. B. (2013).
2013	Esporte e Lazer no Programa Minas Olímpica Geração Esporte–FHA: Espaços e Apropriações.	Apresentar o “Programa Minas Olímpica Geração Esporte”, da Fundação Helena Antipoff, suas características e seu entendimento de Esporte e Lazer.	Licere	Silva, L.T. et al.
2013	Boxe e Rede Solidária no Morro do Vidigal.	Analisar a rede colaborativa construída no Projeto Boxe Vidigal.	Unisuam	Silva, O. M.; Silva, C. A. F.
2013	Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais.	Discutir o direito ao esporte e ao lazer na sociedade contemporânea, baseando-se nas imbricações entre este e a ascensão dos projetos esportivos sociais realizados por Empresas privadas ou instituições do Terceiro Setor.	Revista Interdisciplinar em Estudos do Lazer	Silveira, J.
2014	Refletindo sobre Projetos Esportivos Sociais e a Capoeira.	Apresentar e discutir os projetos esportivos sociais e a sua influência na vida de crianças e jovens.	Licere	Conceição, C.S.R, & Palhares, L.R.
2014	Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados.	explorar os sentidos e significados atribuídos pelos atores de uma rede que desenvolve um projeto esportivo social.	Revista brasileira de educação física e esporte	Silva, O. M. D., & Silva, C. A. F. D.
2015	Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física.	Incitar à reflexão sobre promoção da resiliência no contexto escolar por meio da intervenção intencional do professor de Educação Física	Psicologia escolar e educacional	Neves, A. N., Hirata, K. M., & Tavares, M. D. C. G. C. F.
2016	Resiliência e Vulnerabilidade Social: Uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência	Discutir a educação sociocomunitária, resiliência e vulnerabilidade social.	Vozes	Teixeira, E. C.
2018	Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos.	Avaliar a resiliência de adolescentes participantes e não participantes de projetos sociais esportivos relacionando-a ao seu perfil sócio demográfico.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Cortês Neto, E. D.
2018	Strategies for establishing partnerships between physical education and industry.	Identificar estratégias que aproximem o setor produtivo da Educação Física	Journal of Physical Educatin and Sport	Motta, C. F., Da Silva, C.A.F., & Dos Santos, R.F.
2018	Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor	Discutir questões relacionadas ao esporte e a promoção da paz.	Casa da Educação Física	Osborne, R., & Belmont, R.
2018	Alianças Intersetoriais e Projetos Esportivos Sociais No Brasil: Um Estudo De Caso na Cidade de Niterói.	Identificar as representações dos principais gestores envolvidos em um projeto esportivo social desenvolvido na cidade de Niterói e suas alianças intersetoriais.	Revista Intercontinental de Gestão Desportiva	Steigleder, M.L. et al.
2019	Conceitos Básicos da Resiliência. São Paulo.	Apresentar os conceitos básicos da resiliência.	SOBRARE.	Barbosa, M. (2019).
2019	O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil.	Verificar se o Programa Forças do Esporte (Profesp), vertente do Programa Segundo Tempo, desenvolvido pelas Forças Armadas, é fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil.	E-Legis	Galvão, P.G.
2019	Visão dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social. Caderno de Educação Física e Esporte, 17(2), 133-141.	Apontar os pontos de vista dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social, o Programa Segundo Tempo.	Caderno de Educação Física e Esporte	Guimarães, C. G. M., Silva, S. A., & Zampier, J. E. D. L. C.
2019	Resiliência integral e juventudes periféricas: análise da experiência formativa no campo educacional.	Discutir a resiliência na juventude.	Universidade Federal de Pernambuco	Silva, M. L. F.

2020	A importância da prática do futsal na frequência escolar e na motivação dos alunos de uma escola especial.	Analisar a participação de alunos de uma escola especial em diferentes atividades educativas, a partir da experiência do Projeto Futsal.	Research, Society and Development	Martins, R. M., & da Silva Ilha, F. R.
2020	Sport as a vehicle for socio-educational transformation: a study of the Fernanda Keller Project.	Identificar as representações dos principais atores envolvidos no Projeto Fernanda Keller sobre os ambientes interno e externo da organização.	Motriz: Revista de Educação Física	Steigleder, M. L., Dos Santos, R. F., & Da Silva, C. A. F.
2020	Sociologia e Educação Física. Diálogos, Linguagens do Corpo, Esportes	Apresentar elementos da sociologia nas questões ligadas ao âmbito da Educação Física.	Editora FGV	Murad. M.
2022	O Punhobol na cidade do Rio Grande/RS: dos primeiros passos à consolidação como um esporte escolar.	Compartilhar a experiência do município do Rio Grande/RS, no que se refere ao registro histórico de implementação, realização e efetivação de ações voltadas ao Punhobol escolar.	Research, Society and Development	dos Santos, L. L., da Cunha, L. C., & Montiel, F. C.
2022	Professional Training in Educational Sports in Brazil: The Collaborating Teams of the Programa Segundo Tempo (PST)–Federal Government	Descrever as percepções de equipes que atuam com o esporte educacional e como elas se aproximam dos professores de Educação Física.	Research, Society and Development	Ribeiro, S.P., & Couto, A.C.P.

Fonte: Autores.

4. Conclusão

As favelas por si só já são traumáticas por conta da violência, da falta de políticas públicas como: saúde, educação, saneamento, habitação, emprego, entre outros. O aluno oriundo de uma realidade conturbada, além de traumas provocados por uma vida difícil, ainda carrega consigo experiências traumáticas vivenciadas diariamente, ou seja, traumas frutos da sua vulnerabilidade social e econômica. Por isso o trabalho dos PSE, se faz importante, pois pode contribuir para a ressignificação dos traumas, colaborando na reconstrução da imagem corporal através da atividade física, e desenvolvendo a resiliência dos alunos.

Um PSE sério, ao garantir um ambiente seguro e propício para o sujeito resiliente continuar sua trajetória, tem tudo para colaborar na intervenção social dele. Logo um PSE de qualidade, pode ser um grande motivador na realização dos sonhos de seus alunos, que jamais poderiam ser alcançados, sem algum suporte. Isto claro, sempre respeitando a experiência corporal e a cultura de cada um, suas especificidades e limitações.

Finalmente deve-se ressaltar que para uma melhor concretização do presente estudo se faz necessário uma coleta de dados para confirmação dos benefícios dos PSE na promoção da resiliência dos alunos atendidos. De qualquer forma, espera-se que este trabalho possa estimular mais pesquisas sobre PSE e seus desdobramentos e que colaborem para a organização de PSE comprometidos com uma verdadeira transformação social. As sugestões para estudos futuros incluem o acompanhamento de egressos de PSE e o impacto em suas carreiras profissionais, na ascensão social e econômica, além de trabalhos que possam fundamentar políticas públicas para o incremento dessas iniciativas. Outro ponto que merece análise é a participação de governos, empresas, universidades, sociedade civil no compartilhamento de responsabilidades para o desenvolvimento dos PSE.

Agradecimentos

Nossa gratidão à Universidade Salgado de Oliveira, que permitiu a execução deste trabalho concedendo bolsa integral de estudos à primeira autora.

Referências

- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandszajder, F. (1999). O planejamento de pesquisas qualitativas. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*, 2, 147-176.
- Assis, S. G. D., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência enfatizando a proteção dos adolescentes*. *ArtMed*.
- Augusto, A. P. A. (2020). Trilhas no Parque Nacional da Tijuca: a atividade física, seus impactos e o papel do profissional de Educação Física. 167f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Atividade Física) - Programa de Pós-graduação em Ciências da Atividade Física, Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Niterói.
- Azevedo, A. C. B. (2009). Esporte, ensino e Educação Física. Malina, A., Cesario, S. (Orgs) *Esporte: Fator de Integração e Inclusão Social?* Campo Grande, MS: Editora UFMS.
- Barbosa, M. (2019). *Conceitos Básicos da Resiliência*. SOBRARE.
- Bertolini, S. M. M. G. et al (2016). *Pesquisa Científica: Do Planejamento à Divulgação*. Paco Editorial.
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21, 263-271.
- Campana, A. N. N. B., Tavares, M. C. G. C. F. (2009). *Avaliação da Imagem Corporal: Instrumentos e diretrizes para pesquisa*. Phorte.
- Castro, S. B. E., & Souza, D. L. (2011). Significados de um projeto social esportivo: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. *Movimento*, 17(4), 145-163.
- Conceição, C. S. R., & Palhares, L. R. (2014). Refletindo sobre Projetos Esportivos Sociais e a Capoeira. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 17(4), 236-256.
- Correia, M. M. (2008). Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida. *Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro*, 4(1), 114-127.
- Cortês Neto, E. D. (2018). Resiliência em adolescentes participantes de projetos sociais esportivos. 2018. 60f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- Cyrulnik, B. (2004). *Os Patinhos feios*. Martins Fontes.
- da Silva, C. A. F., Terra, B. R. C., & Votre, S. J. (2008). O modelo da hélice tríplice e o papel da educação física, do esporte e do lazer no desenvolvimento local. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(1).
- De Mattos, D. C., da Silva, C. A. F., Lopes, J. P. S. R., & Capinussú, J. M. (2010). O esporte náutico e a dinâmica da hélice tríplice no projeto Grael: um estudo de caso. *Movimento (Porto Alegre)*, 16(3), 219-237.
- dos Santos, L. L., da Cunha, L. C., & Montiel, F. C. (2022). O Punhobol na cidade do Rio Grande/RS: dos primeiros passos à consolidação como um esporte escolar. *Research, Society and Development*, 11(1), e47011125270-e47011125270.
- Fiocruz. Diagnóstico *Cidade de Deus*. Disponível em: https://www.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2017/09/RodaConversa_DiagnosticoCDD_Jacob.pdf.
- Galvão, P. G. (2019). O Programa Forças no Esporte como fator de inclusão social e desenvolvimento esportivo no Brasil. E-legis, Brasília, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, p. 116-148.
- Godoy, K. A. B., Joly, M. C. R. A., Piovezan, N. M., Dias, A. S., & Silva, D. V. D. (2010). Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio. *Rev Psicol Saúde*, 18(1/2), 79-90.
- Grotberg, E. H. (2005). Introdução: novas tendências em resiliência. Melillo, A., Ojeda, E. N. S. (Orgs). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed.
- Guimarães, C. G. M., Silva, S. A., & Zampier, J. E. D. L. C. (2019). Visão dos pais sobre a participação de seus filhos em um programa esportivo social. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(2), 133-141.
- Hecktheuer, L. F. A., & da Silva, M. R. S. (2011). Projetos sociais esportivos: vulnerabilização e governo. *Movimento*, 17(3), 115-132.
- Hohendorff, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: Koller, S. H., Couto, M. C. P. P., Hohendorff, J. V. (Orgs). *Manual da produção científica*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 39-54.
- Infante, F. (2005). A resiliência como processo: Uma revisão de literatura recente. Melillo, A., Ojeda, E. N. S. (Orgs). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Artmed. p. 23-38.
- Martins, R. M., & da Silva Ilha, F. R. (2020). A importância da prática do futsal na frequência escolar e na motivação dos alunos de uma escola especial. *Research, Society and Development*, 9(8), e191985540-e191985540.
- Mattos, D. C., Silva, C. A. F. (2013). O Esporte da Vela em Jurujuba: um Estudo de caso. Costa, Claudia Freitas Lopes. E Silva, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) *FavelaSport: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro*. UNISUAM. p. 146 – 167.
- Melillo, A. (2005). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Artmed.

- Melillo, A., Estamatti, M., Cuestas, A. (2005). Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In: Melillo, A., Ojeda, E. N. S. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre, Artmed. p. 59-72.
- Melo, M. P. (2004). Lazer, Esporte e Cidadania: debatendo a nova moda do momento. *Movimento (Porto Alegre)*, 10(2), 105-122.
- Motta, C. F., Da Silva, C. A. F., & Dos Santos, R. F. (2018). Strategies for establishing partnerships between physical education and industry. *Journal of Physical Education and Sport*, 18(3), 1524-1532.
- Murad, M. (2020). *Sociologia e Educação Física. Diálogos, Linguagens do Corpo, Esportes*. Rio de Janeiro: FGV.
- Neira, M. G. (2008). Programas de educação pelo esporte: qual formação está em jogo? *Revista Veja*, 5, 03.
- Neves, A. N., Hirata, K. M., & Tavares, M. D. C. G. C. F. (2015). Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. *Psicologia escolar e educacional*, 19, 97-104.
- Oliveira, M. A. D., Reis, V. L. D., Zanelato, L. S., & Neme, C. M. B. (2008). Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006. *Psicologia: ciência e profissão*, 28, 754-767.
- Osborne, R., Belmont, R. (2018). Contribuições do Esporte e da Educação Física para um mundo melhor. In: BENTO, Jorge Olímpio. et al (Orgs). *Cuidar da Casa Comum: Da natureza, da vida, da humanidade. Oportunidades e responsabilidades do Desporto e da Educação Física*. Casa da Educação Física. 2. p.111 – 120.
- Ribeiro, S. P., & Couto, A. C. P. (2022). Professional Training in Educational Sports in Brazil: The Collaborating Teams of the Programa Segundo Tempo (PST)–Federal Government. *Research, Society and Development*, 11(1), e0311124269-e0311124269.
- Rozemberg, L. B. (2013). Resiliência na adolescência: uma reflexão sobre o potencial de superação de problemas em meninos e meninas. 107f. Dissertação (Mestre em Ciências na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.
- Sabbag, P. Y. (2012). *Resiliência: Competência para enfrentar situações extraordinárias na sua vida profissional*. São Paulo, Elsevier.
- Santos, L. C., & Silva, C. A. F. D. (2022). Consequências da violência armada carioca para as aulas de educação física. *Movimento*, 26.
- Silva, L. T., de Jesus, L. F., Silva, C. V., Couto, A. C. P., & Albuquerque, M. R. (2013). Esporte e Lazer no Programa Minas Olímpica Geração Esporte–FHA: Espaços e Apropriações. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 16(3).
- Silva, M. L. F. (2019). Resiliência integral e juventudes periféricas: análise da experiência formativa no campo educacional. 169f. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Silva, C. A. F. D., Lopes, J. P. S. R., & Araújo Netto, J. D. (2010). Educação física, desenvolvimento e inovação: o argumento da hélice tríplice. *Motriz: revista de educação física*, 16, 995-1005.
- Silva, O. M., & Silva, C. A. F. (2013). Boxe e Rede Solidária no Morro do Vidigal. Costa, Claudia Freitas Lopes & Silva, Carlos Alberto Figueiredo. (Orgs) *FavelaSport: Estudo sobre o fenômeno esportivo em comunidades do Rio de Janeiro*. UNISUAM. p. 32 – 67.
- Silva, O. M. D., & Silva, C. A. F. D. (2014). Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados. *Revista brasileira de educação física e esporte*, 28, 415-428.
- Silveira, J. (2013). Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 16(1).
- Steigleder, M. L., Silva, C. A., Rangel, M., & Santos, R. F. D. (2018). Alianças Intersetoriais e Projetos Esportivos Sociais No Brasil: Um Estudo De Caso na Cidade de Niterói. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva-Rigd*, 8(3), 109-122.
- Steigleder, M. L., Dos Santos, R. F., & Da Silva, C. A. F. (2020). Sport as a vehicle for socio-educational transformation: a study of the Fernanda Keller Project. *Motriz: Revista de Educação Física*, 26.
- Tavares, M. C. G. C. F. (2003). *Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento*. Barueri, Manole.
- Teixeira, E. C. (2016). *Resiliência e Vulnerabilidade Social: Uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência*. Petrópolis, Vozes.
- Tubino, M. J. G. (2011). *Dimensões Sociais do Esporte*. Cortez.
- Vianna, J. A., & Lovisolio, H. R. (2011). A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 25, 285-296.
- Werner, E. E. (2005). Resilience and recovery: Findings from the Kauai longitudinal study. *Focal Point: Research, Policy, and Practice in Children's Mental Health*, 19(1), 11-14.